

O ENSINO DE PROJETO PAISAGÍSTICO: UMA EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO.

COLCHETE FILHO, Antonio (1), MAYA-MONTEIRO, Patricia (2) & CARMO, Rogério (3)

- (1) Arquiteto e Urbanista, DSc., professor adjunto, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF (e-mail: arqfilho@globo.com)
- (2) Arquiteta e Urbanista, MSc., professora assistente, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF (e-mail: pmaya@unisys.com.br)
- (3) Arquiteto e Urbanista, MSc., professor assistente, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF (e-mail: rogerioacarmo@ig.com.br)

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar um exercício de criação projetual utilizado pela disciplina de projeto paisagístico, oferecida no quarto ano de curso de Arquitetura e Urbanismo. O exercício selecionado aqui – de escala urbana - versa sobre uma reflexão de como um projeto pode estar referenciado em repertórios históricos, temáticos, estilísticos ou serem ainda representações típicas de um grupo social ou de autores consagrados. Os alunos, imbuídos e inspirados por um desses diferentes aspectos, criam projetos singulares para uma mesma área, no caso, a praça cívica do próprio campus universitário. Desta forma, a partir desse exercício, os alunos têm a oportunidade de ampliar sua própria visão crítica sobre as temáticas e escalas do projeto paisagístico, para que sua atuação posterior na área de intervenção se processe de modo mais estruturado e criativo.

Abstract

The aim of this paper is to present a studio work on landscape design, given as an exercise at the fourth year of the graduation course of Architecture. The selected exercise is a reflection on how a project may be based either on historic, thematic or stylistic repertoires either on typical representations of social groups or projects of well-known landscape architects. Inspired by these aspects, the students are invited to create singular projects to the same area of work – the civic square at the University Campus. Therefore, due to this exercise, they have an opportunity to enlarge their critical view on themes and scales of the landscape, so that their posterior proposals in the same area may be developed in a more creative and structured manner.

O ENSINO DE PROJETO PAISAGÍSTICO: UMA EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO

1 – Estratégias para o ensino de projeto paisagístico

O que é a imaginação? Podemos partir da idéia de que imaginação é uma faculdade humana que relaciona a memória e a criatividade, que representa imagens evocadas ou originais, que projeta a partir de um campo de idéias.

Para o arquiteto paisagista James Corner (1999), "Paisagem e Imagem são inseparáveis", e o projeto da paisagem se inicia a partir das imagens prévias da memória. Ele aponta também que o reconhecimento coletivo de um "território como paisagem"¹ depende do fato de que a "habilidade em intencionalmente interpretar e construir paisagens projetadas é possibilitada através de várias formas e atividades de formar imagens" (*ibid.*, p. 153)².

O argumento do autor: idéia e representação da idéia estão conectadas de tal forma, que novas idéias dependem de novas formas de representação. Ele propõe então que o processo criativo do projeto da paisagem seja estimulado através de operações eidéticas de representação e apresentação gráfica. Isto se dá através da incorporação de 'imagens eidéticas', que conjugam

¹ No texto original, "of land as landscape".

² Tradução nossa a partir do original em inglês.

diversos aspectos – textos, imagens, diagramas e esquemas gráficos, ideogramas e *datascares* – e colaboram na visualização/construção dos espaços projetados.

Para nós, incentivar a imaginação criadora, a criação de imagens significativas, também se configura como um aspecto fundamental para o projeto paisagístico- e indispensável no seu ensino.

Além disto, outros aspectos da tarefa de orientar alunos a desenvolverem projetos durante sua formação profissional guardam bastante complexidade. Um destes, que sempre esteve presente, é de caráter ético: como orientar projetos sem projetar? Ou seja, como fazer que os alunos pensem no projeto sem que o professor/orientador esteja projetando no lugar deles- induzindo estilos ou mesmo indicando soluções, por mais que pareçam óbvias? A ênfase na elaboração dos conceitos é fundamental. Para tanto, uma estratégia valiosa para o estímulo à reflexão dos alunos é a aplicação de exercícios dirigidos. Através de estudos de caso ou da elaboração de exercícios de projeto, estes ampliam a visão dos alunos e, ao mesmo tempo, conferem ao professor a possibilidade de destacar questões para uma discussão geral com a turma. Destaque- se que a necessidade destes exercícios de projeto paisagístico não é, contudo, uma estratégia 'original', mas sim um consenso entre os professores das disciplinas de projeto paisagístico.³

O objetivo estrito desse artigo é apresentar um exercício que vem sendo aplicado em sala sucessivamente, tendo obtido bons resultados. Outro objetivo, igualmente importante, é apontar como uma nova estratégia buscada para a prática de ensino de projeto por arquitetos-professores, podemos pode contribuir para um melhor resultado acadêmico, estimulando a reflexão teórica e sua articulação com as soluções de projeto.

2 – O curso de paisagismo

Como é sabido, a formação de paisagista no Brasil está centrada, em grande parte, dentro dos próprios cursos de arquitetura. Somente algumas escolas possuem uma graduação exclusivamente voltada para a formação do paisagista, e esta, acaba ganhando status de especialização, pois quase sempre é complementada ou após a formação em arquitetura ou com a prática profissional. Alguns novos cursos vêm surgindo, inclusive, de curta duração (dois anos), mas ainda é cedo para se avaliar a relação custo-benefício desse tipo de graduação na área de paisagismo. Obviamente, essa situação geral da formação do paisagista gera reflexos tanto na inserção dessa disciplina nas estruturas dos cursos de arquitetura como também para a formação de novos quadros de profissionais, inclusive de professores.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo em questão possui duas disciplinas de paisagismo, uma, que se encarrega de passar grande parte dos conteúdos teóricos e técnicos da área, e introduz o projeto; e outra, que enfoca principalmente o projeto, mantendo, contudo, um vínculo com as teorias e conceitos. Ambas as disciplinas contém três créditos semanais, e são dadas para o sexto e sétimo períodos, respectivamente. Pensando isoladamente, não percebemos como pequena a carga-horária destinada a essas matérias, principalmente se considerarmos que em virtude da carência de professores nas universidades federais fica quase impossível criar um currículo ideal, mas é grave a situação quando imaginamos que essas duas disciplinas são praticamente as únicas que levam os alunos a pensarem efetivamente no espaço livre de edificação, seja privado e principalmente público. Parte dessa deficiência vem sendo corrigida ao longo dos conteúdos das oito disciplinas de projeto de arquitetura e urbanismo, que se desenvolvem do primeiro ao oitavo período, quando procuramos equilibrar a abordagem do projeto arquitetônico com as questões urbanas e paisagísticas nos projetos propostos. Entretanto, a principal medida talvez seja a reforma curricular, quando poderemos não só introduzir novas disciplinas, como rever os conteúdos das disciplinas a serem mantidas.

³ Como apontam as discussões dos encontros nacionais sobre o Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo- ver Costa , 1998 e Tangari, 2000. Sobre o tema específico dos exercícios de projeto, já nos Anais do primeiro encontro de 1994 (publicado em 1998) aparecem propostas- dentre as quais destacamos: (1) Freitas, Veras & Vieira Filho, 1998; (2) Santiago & Gobi, 1998; (3) Macedo, 1998 e (4) Tangari. Costa *et al.*, 1998.

Enquanto ambas as medidas acima não tomam corpo, é papel das duas disciplinas que temos aprofundar ao máximo as questões do tratamento dos espaços livres e da relação desses espaços com os espaços construídos e o espaço natural para a formação da paisagem⁴.

3 – O papel da integração entre teoria e projeto

Ambos os cursos apontam para uma visão abrangente do ensino do paisagismo e do projeto paisagístico que integre entre diferentes aspectos da paisagem: (1) os aspectos ambientais; (2) os aspectos da história da paisagem e (3) os aspectos do desenho/construção. Como já dito, embora a maior carga teórica se concentre na primeira disciplina, na segunda disciplina também, diversas questões são retomadas, através de exercícios de pesquisa e de projeto.

Os aspectos ambientais incluem, por um lado, os aspectos subjetivos da construção da paisagem, como os estudos de Percepção Ambiental, discussões relativas ao valor e significado dos lugares e também exercícios teóricos e de observação de espaços a partir das referências dadas. Por outro, incluem uma compreensão das questões ambientais, que implicam tanto em seminários teóricos sobre os ecossistemas e seus processos e sobre as relações entre cidade e natureza, quanto na apresentação da incorporação destas discussões em projeto sustentáveis.

Os aspectos da história da paisagem são apresentados de forma didática, com a evolução dos espaços com tratamento paisagístico, seus autores principais e algumas das inovações mais recentes - artísticas, culturais, ambientais - presentes nos projetos. A intenção fundamental é oferecer aos alunos um repertório de idéias, conceitos e referências de projeto sobre projetos dessa temática.

Para os aspectos do desenho/construção dos espaços de arquitetura da paisagem são dadas tanto as diretrizes mais gerais, sobre a estrutura do projeto e seus elementos, bem como, sobre as questões técnicas e de representação do projeto.

Embora no conjunto das duas disciplinas esta diversidade de enfoques concentrados não permita mais do que uma introdução às diversas questões teóricas envolvidas na construção do espaço, acredita-se que esta abordagem mais ampla seja fundamental. Na verdade, isto se confirma pelas inúmeras referências teóricas sobre o ensino de paisagismo nas escolas de arquitetura e urbanismo, como já o apontava os diversos artigos presentes nos Anais do primeiro encontro sobre o assunto (Costa, 1998).

Essencialmente, o que se busca é uma articulação entre teoria e projeto. Para tanto, duas frentes de trabalho são introduzidas: primeiro, a maioria dos exercícios teóricos se integra a metodologias de análise e diagnóstico. Com isto, enfatiza-se que esta compreensão dos espaços deve ser incorporada às soluções projetuais, dando subsídios objetivos e subjetivos para o seu desenvolvimento.

A outra frente de trabalho consiste em um conjunto de dinâmicas utilizadas em sala de aula das quais o exercício aqui apresentado faz parte. Basicamente, são elaborados exercícios de projeto individuais a serem realizados em curto espaço de tempo.

Na primeira disciplina, um exercício introdutório, denominado "Praça, Parque, Passeio", os alunos são convidados a 'projetar' em curto espaço de tempo (uma ou duas aulas) as três tipologias em uma mesma área dada, definindo percentuais de permeabilidade do solo, de áreas de sombra. Este exercício busca verificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o desenho da paisagem, suas noções de representação, seu vocabulário básico, e também o que eles entendem como sendo estas tipologias. Como a maioria dos alunos desenha a partir de arquétipos de espaços tradicionais, esta memória insere também o viés da história da paisagem, seu papel nas representações coletivas. Uma destas é a questão da regularidade/ordenação/simetria,

⁴ Parte das reflexões sobre o uso do espaço público contemporâneo e as potencialidades do projeto paisagístico fazem parte das referências indicadas pelas disciplinas aos alunos, e que estão indicadas ao fim do artigo. Podemos agrupar a bibliografia sugerida em aula em três grupos básicos: as referências históricas, que articulam o processo social com o contexto dos projetos paisagísticos, com o exemplo da obra clássica de Jellicoe & Jellicoe (1995); as referências de projetos contemporâneos, com ênfase na experiência brasileira, como por exemplo, Dourado (1997) e Macedo (2000); e as referências de caráter mais técnico, como normas e especificações técnicas, úteis também para a demonstração nas formas de representação do projeto paisagístico.

características típicas do "jardim francês", e sua contraposição, a irregularidade/composição/"organicidade" características do "jardim inglês".

Este exercício se enquadra em um exemplo dado por Macedo (1998, ver p. 75) e por ele denominado de "exercício de ruptura de arquétipos". É consenso que os resultados do exercício são extremamente positivos do ponto de vista da análise e discussão dos produtos, não do ponto de vista dos produtos propriamente ditos. Estes são carregados de deslizamentos projetuais que muitas vezes indicam uma visão 'burocrática' do que é o projeto- parcelam e dão função ao espaço e raramente têm preocupações conceituais básicas. Macedo, no seu exemplo similar, chega a conclusões similares, segundo ele, "o que se tona é o apego a desenhos tradicionais" (*loc. cit.*).

No nosso caso, este exercício de projeto é o primeiro efetuado pelos alunos, que são previamente alertados de que o objetivo do exercício é compreender o estágio em que se encontram e de que este que leva apenas uma nota de participação. Os resultados são esboços rudimentares que indicam inclusive a necessidade de uma interação maior do paisagismo com os cinco períodos anteriores. Porém, este é extremamente válido para que os diversos problemas na elaboração dos conceitos, na representação das idéias, no desenho, passem a ser visíveis para os alunos a partir dessa experiência.

Consideramos que este exercício acima descrito, Praça-Parque-Passeio, tem uma lógica que se desdobra no exercício posterior que é o objeto central deste artigo, efetuado na disciplina seguinte- quando já há algum domínio das questões da paisagem. Esta "lógica" é trazer uma análise crítica para além do discurso, buscando fazer com que exercícios de projeto auxiliem na compreensão e, pro consequente, na ruptura de arquétipos- tanto de estilos quanto de maneiras de projetar.

O exercício, apresentado a seguir, é uma demonstração mais enfática desta busca por aglutinar em uma única tarefa a reunião da ação de projeto balizada a partir de dois referenciais: um teórico – pois os alunos extraem informações dos pressupostos dos autores/temas trabalhados e outro técnico/ prático – pois eles refletem sobre as relações entre o autor/tema com a época e/ou contexto de criação e a forma de expressão gráfica utilizada.

O exercício pode ser visto como um exemplo de como o projeto- de arquitetura, de urbanismo ou de paisagismo- se insere academicamente na sua área de conhecimento- as ciências sociais aplicadas. Teoricamente, os professores guardam como fundamento do exercício a seguir a proposição de filósofo/ sociólogo Henri Lefebvre, de que: "O espaço (social) é um produto (social). Esta proposição parece próxima de uma tautologia, de onde a evidência." (1974, p.35)⁵.

4 – Exercício: “pensar o espaço como se fosse ...”

O exercício em questão tem, no próprio título, “pensar o espaço como se fosse ...”, uma indicação precisa e com um foco determinado para a ação de projeto. Este foco é complementado com a indicação do protagonista escolhido para orientar o partido de projeto, ou seja, pensar o espaço como se fosse Burle Marx ou Bernard Tschumi ou simplesmente um profissional de outra área, como um engenheiro, por exemplo. Assim, o aluno deverá levar em conta a formação profissional, técnica, naqueles casos mais concretos, quando o protagonista for, por exemplo, um profissional de outra área, ou mesmo, fazer um exercício de abstração para compor um perfil arquetípico de um protagonista abstrato, como no caso de uma escolha temática, onde o “protagonista” é a cor, a textura etc.

Em linhas gerais, podemos destacar que há quatro grupos distintos de protagonistas: um primeiro, formado por profissionais de outras áreas, como engenheiros, escritores, médicos etc.; um segundo, por profissionais, especialistas da área, como paisagistas consagrados; um terceiro, formado por grupos que representem um perfil bem definido, como a idéia de uma população local da área de projeto, de uma prefeitura ou repartição municipal etc., e, por último, aqueles

⁵ Com esta, o que Lefebvre aponta para o nosso contexto é o óbvio que não pode ser ignorado apenas pela sua obviedade: o espaço é social- em um contexto amplo, em que social abrange aspectos "mentais", "físico" e o "sociais".

⁶ Tradução nossa.

protagonistas que não teriam uma forma tão personalizada, como já citamos, mas ações de projetos orientadas por aspectos como cor, textura etc.

No segundo semestre do ano de 2003 foi apresentado à turma os seguintes protagonistas ou temáticas para o exercício: (1) poeta; (2) engenheiro; (3) sociólogo; (4) Burle Marx; (5) Bernard Tschumi; (6) paisagismo inglês; (7) prefeitura municipal; (8) população; (9) estudante universitário; (10) cor; (11) textura e (12) forma. A área escolhida se situa no próprio Campus da universidade, a chamada praça cívica, local onde se encontra o prédio da biblioteca central e, portanto, ponto de confluência do público universitário.

A aplicação do exercício foi considerada pelos professores e turma⁷ como bem sucedida, pois houve um direcionamento muito claro por parte dos alunos em realizarem seus exercícios centrados exclusivamente nos aspectos mais característicos dos protagonistas em questão, o que deu uma dimensão mais rica e maior profundidade às análises. Algumas questões específicas de cada uma das doze temáticas merecem ser destacadas.

No projeto de um poeta hipotético (não foi escolhido um nome), os alunos levaram em consideração que grande parte da poesia produzida volta-se para questões existenciais, sobre considerações acerca da vida humana. O projeto de um poeta deve então conceber o espaço como um lugar onde a reflexão sobre a existência seja marcada, o que pressupõe uma não indicação de usos muito específicos para a praça, mas a criação de lugares que levem à introspecção, através de um espaço amplo, onde o desenho do piso é ritmado por linhas ora agrupadas, numa analogia aos versos e as estrofes dos poemas. Para o projeto do sociólogo uma grande inversão do programa citado anteriormente: a praça é preenchida por muitas atividades, todas voltadas para a população, com a criação de tendas para eventos relacionados à cidadania.

Como contraponto dos projetos anteriores, a visão do engenheiro. Evidenciadas as tradicionais rixas entre engenheiros e arquitetos, o projeto foi apresentado de forma absolutamente racional, demonstrando um entendimento do espaço sem procurar destacar uma singularidade, mas, antes, reforçar os repertórios usuais, de soluções “testadas à exaustão”, que se aplicam indistintamente nos espaços públicos. O projeto do engenheiro destacaria estacionamentos, um palco nada articulado com uma arquibancada e uma construção absolutamente padronizada para abrigar banheiros e lanchonetes. As árvores existentes seriam quase todas retiradas para a “melhor circulação do ar”; e o piso seria totalmente revestido com blocos de concreto de cor cinza.

Outros três protagonistas foram utilizados com sucesso, embora, dado o conhecimento da matéria, tenham sido aparentemente mais fácil de serem incorporados, pois têm exemplos de projetos paisagísticos, são eles: um paisagismo de caráter inglês, século XVIII (não foi definido um autor); Burle Marx e Bernard Tschumi. No primeiro exemplo, o único prédio existente no local, a Biblioteca Central, foi tratado como objeto de destaque, com o desenho e a composição de espaços se organizando à volta do prédio. Certamente, muitos caminhos irregulares, lagos e agrupamentos de árvores que se juntam à vegetação existente foram utilizados nesse caso. Para o projeto inspirado em Burle Marx uma marcação mais evidente dos caminhos e percursos e um desenho de piso, entremeado com grama e espelhos d’água, inspirado nas formas geométricas que consagraram o autor. Tschumi foi utilizado a partir do seu conhecido projeto para La Villete, com certa dificuldade, pois embora as considerações teóricas do autor tenham sido bem pesquisadas, faltou a passagem dessas para o espaço em questão, se restringindo apenas a uma marcação de seqüências de atividades por quiosques. Pelo menos, também, não foi tentada uma solução fácil, com a mera reprodução das “*follies*” pela área de projeto.

Os três exemplos de protagonistas não “personificados” também revelaram-se bastante interessantes: como utilizar a cor, a textura ou a forma como únicos elementos de projeto?, era a pergunta que todos se faziam. Para a forma, observou-se a necessidade de maior entendimento do espaço tridimensionalmente, quando comparado aos exercícios para a cor e textura, que, em síntese, restringiram-se a uma distribuição diferenciada dos espaços. Em outras palavras, enquanto que no exercício com a forma como protagonista os espaços tinham maior apelo volumétrico, nos outros dois exemplos, as diferenças eram mais evidentes através da setorização,

⁷ Agradecemos aos alunos Ana Paula Riceputi, Giovani Salomão, Maeli Cardoso, Tatiana Leal, Christiane Gatto, Franciele Ferreira, Gisely Silva, Paula Gargiulo, Paula Nogueira e Roberta Firjam por cederem seus projetos.

embora a cor ainda tenha sido introduzida com diferenças entre cores quentes predominantemente destinadas aos espaços de circulação e curta permanência e cores frias para os de permanência continuada, além de gradações tonais.

Os três últimos exemplos de projetos são referentes às visões da prefeitura, da população e dos estudantes da universidade. O projeto da prefeitura é bastante similar ao projeto hipoteticamente realizado pelo engenheiro: racionalizado, voltado para minimizar custos e operar o espaço como um lugar qualquer da cidade, ou seja, com uma neutralidade que permita a reprodução de modelos de projeto e de equipamentos já introduzidos em outros lugares pela administração municipal. O projeto inspirado na população prevê uma distribuição de atividades de lazer e apoio de serviços para a utilização do campus como espaço de permanência, principalmente nos finais de semana: pistas de skate, quadra e quiosques para alimentação são os pontos principais do projeto, que se tornam a atração principal do espaço. Já no projeto realizado por estudantes, a compreensão do espaço não desvincula o uso principal do lugar como um campus universitário, ao contrário, parte realmente desse fato para introduzir usos de equipamentos esportivos, ciclovias, bosque, tendas para a criação de uma boate e outra para área de jogos, além de uma passarela coberta, passando pelo prédio da biblioteca central e cruzando os dois extremos da área, atendendo prioritariamente o público jovem que estuda na universidade.

Percebemos, por fim, que os alunos foram se dando conta aos poucos que embora enfatizando ou se detendo em um aspecto ou meio de projeção, há uma retroalimentação constante entre esses e muitos outros aspectos. Forma não independe da cor e as curvas do paisagismo inglês ou a geometria de Burle Marx influenciam a criação contemporânea também.

Contudo, ao nos determos em um desses aspectos, percebemos como podemos tanto singularizar ou dar unidade a um projeto ao mesmo tempo em que corremos o risco de estarmos sendo monótonos ou estarmos empobrecendo o espaço. Esse talvez seja o maior desafio do exercício, pensar no quanto lançamos mão deliberada ou inconscientemente de repertórios usuais sem muitas vezes nos darmos conta da extensão dos limites e efeitos que estes contêm.

5 – Algumas sínteses

"A essência de um trabalho arquitetural é a ligação orgânica entre conceito e forma. Não se pode subtrair nem aumentar os elementos sem subverter as propriedades fundamentais. Um conceito, que se trata de uma declaração explícita racional ou de uma demonstração subjetiva, estabelece uma ordem, um campo de investigação, um princípio limitado." (Holl, 1989, p. 310)⁸

O exercício crítico proposto pelo conjunto de disciplinas de paisagismo por nós estruturado tem como objetivo geral ampliar a prática para então articular conceito e forma. A sua proposta, no entanto, não é manter as questões apenas no âmbito do discurso, mas ancorar o projeto em uma experiência através da imaginação. Consideramos que o exercício, relativamente simples para os alunos, articula conceito e projeto. Isto ocorre na medida em que o estabelecimento de arquétipos (o projetar a partir destes) permite a sua ruptura e libera a imaginação criadora.

O exercício, no contexto em que vem sendo utilizado regularmente em nossas disciplinas, se configurou em uma interessante metodologia de ensino, uma experiência de projeto em que o contexto do projetista e o projeto ele mesmo (e suas representações imagéticas) são criados. Os alunos, imbuídos de uma espécie de "personagem", projetam apenas voltados para acentuar um aspecto mais forte do que chamamos de "protagonista" do exercício. Essa visão, aparentemente estrita de foco, torna-se muito rica, pois permite identificar aspectos particulares de uma forma específica de pensar o espaço. Isto pode ser entendido como uma possibilidade de aprofundamento das questões de projeto de um determinado grupo ou autor, como uma maneira de extrair a essência dos seus conceitos ou até mesmo de destacar estereótipos mais comuns.

Uma pesquisa de Vale (2001) aponta que, em cursos de arquitetura, há um uso corrente de exercícios de projeto que se apóiam no repertório conhecido de autores. Porém, ele considera que estes podem comprometer a criatividade do aluno. Consideramos que, inversamente, pode haver um estímulo, se há uma utilização proveitosa destes. No nosso caso, menos porque o exercício

⁸ "Tradução nossa a partir de uma tradução para o francês (ver referências).

contém outros protagonistas além das referências de projeto de autor consagrado- padrões, estruturas formais, discursos ou repertórios, mas principalmente porque há a sua delimitação mesma como "exercício de projeto". Assim, o exercício se constitui em uma das etapas de um processo em que aproximações sucessivas são buscadas para a elaboração de um produto "final": a proposta do aluno. Além disto, outras constatações reforçam a sua validade.

Obviamente que não se despreza que os alunos pensam o espaço "como se fossem ...", mas são eles, na verdade, estudantes de arquitetura. Ou seja, são estudantes de arquitetura buscando acentuar aquilo que julgam mais relevante e característico daquele "protagonista", não pressupondo que possa existir uma neutralidade ou uma não acentuação das características pesquisadas para melhor evidenciar o protagonista em questão.

Sugere-se então que esse exercício possa ampliar-se com a criação do projeto feita pelo "protagonista real" (através da presença de um projeto já existente ou de uma pesquisa de campo com este protagonista). Isto permitiria verificar possíveis deturpações que muitas vezes são feitas porque há uma visão pouco isenta e até preconceituosa. Ou seja, o exercício acentua e amplia características que muitas vezes fazem parte do universo real do arquiteto, seja quanto ao cliente- um leigo, um profissional de determinada área ou um representante de um grupo, associação, membro do poder público- seja quanto aos próprios pré- conceitos daquele que projeta. No exercício, porém, quando isto ocorre, faz parte e é relevado pelo aspecto motivador do próprio exercício: ter um foco bastante definido.

Antes de tudo, o que se nos apresentou como um diferencial em relação a outros exercícios que já empreendemos, foi o seu caráter irônico. O exagero e a caricatura, embora possam parecer 'resultados' aparentemente secundários do exercício, permitem um certo deslocamento do papel do aluno como 'autor do projeto' que lhe infere uma liberdade de criação. Uma visão a partir de conceitos de outros, mais isenta de 'estilos pessoais' e que busque uma compreensão do coletivo- do público⁹. Além disto, a situação específica que se constitui no momento de envolvimento e participação da turma é indescritível em um artigo. Do ponto de vista didático, uma compreensão do projeto da paisagem a partir do humor tem um potencial inesgotável.

O aspecto criativo do exercício, que podemos dizer que se constitui na criação de uma "paisagem de imagens", é o grande aliado no alcance de respostas de projeto. É também a maior justificativa para o sucesso do exercício, que incorporou aspectos que puderam variar desde a apresentação gráfica, buscando aproximações com as linguagens dos protagonistas, a até mesmo as incorporações de ordem do discurso. Assim, um projeto teoricamente feito pela prefeitura local, além de possuir uma maior rigidez no programa e no desenho do espaço, foi apresentado com uma rigidez gráfica também, com pranchas em formato técnico, com carimbos de identificação dos profissionais responsáveis e com um discurso oral simplificado e supostamente objetivo e racionalizado, justificando as ações e opções de projeto. Em suma, é deste modo que o exercício apresentado aqui incorpora imagem e imaginação.

O exercício contribui também para aproximar os alunos da escala de projeto, que para muitos, é uma barreira difícil de ser vencida, pois as relações escalares são bastante distintas dos projetos arquitetônicos. Isto aponta para uma deficiência observada no currículo do nosso curso, que privilegia a escala arquitetônica em detrimento da escala urbana, questão esta que já está em revisão pela reforma curricular. Assim, ao buscarmos equipamentos, formas e desenhos contidos usualmente em repertórios de outros projetos e inserindo-os na área, há uma melhor observância da escala de intervenção e das particularidades do lugar de projeto (usos, fluxos, topografia, visuais etc.).

Pretende-se, com a apresentação dos resultados deste exercício aplicado em uma disciplina de projeto paisagístico, contribuir para a elaboração de estratégias que são lançadas com vistas ao aprendizado prático de projeto. Complementados com aspectos teóricos e técnicos, exercícios dirigidos são uma possibilidade de aplicação do conhecimento fundamental adquirido ao longo da graduação. São, também, momentos de reflexão intermediários entre o conhecimento teórico e

⁹ Do ponto de vista teórico, cite-se o que Tomas Nagel aponta sobre a necessidade de uma conjunção entre uma visão pessoal, do indivíduo situado em um mundo, e uma visão objetiva do mundo que possa transcender seu ponto de vista em particular e conceber o mundo como um todo- o que ele denomina de "visão a partir de lugar nenhum" (xxxx).

técnico e o desenvolvimento dos projetos propriamente ditos. Espaço de reflexão, diga-se, para alunos e professores.

Talvez um dos maiores desafios impostos aos professores de projeto, que é orientar sem projetar para o aluno, se resolva com o modo de aplicação deste exercício, pois as demandas para uma área de projeto são vistas coletivamente. Porém, no nosso caso, tanto o esforço para uma compreensão destas quanto a sua aplicação no desenvolvimento posterior do projeto são individuais. Deste modo, ganha-se tempo de amadurecimento com os exercícios, diferentemente do que aconteceria se mantivéssemos apenas o tradicional roteiro de diagnóstico, estudo preliminar e anteprojeto.

É nesse momento também que os alunos percebem que há uma distância grande entre o exercício acadêmico e a experiência concreta, onde agentes sociais tratados como antagonistas muitas vezes são efetivamente responsáveis pelas diretrizes fundamentais que definem as estratégias do projeto, como no caso de representantes do poder. Essa é outra contribuição do exercício: compreender o projeto da paisagem- espaço social- como um processo social. O conjunto complexo- formado pelos diversos representantes- da sociedade é realmente mais evidenciado quando falamos de espaços livres públicos. O exercício atua então, inversamente, como uma demonstração de como o arquiteto deve contemplar em seu projeto um maior número de pessoas, ajustando o programa, seu desenho e até sua representação gráfica (e oral), para ter o alcance que se deseja e que é desejado para a vivência de um espaço de usufruto coletivo.

6 - Referências bibliográficas básicas das disciplinas

- AAVV. *Rio Cidade: o urbanismo de volta às ruas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.
- ASHIHARA, Y. *El Diseño de los Espacios Exteriores*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1981.
- BRANDÃO, P. & REMESAR, A. (coords.). *Espaço público e a interdisciplinaridade*. Lisboa: Centro Português de Design, 2000.
- CHACEL, F. *Paisagismo e Ecogênese*. Rio de Janeiro: Ed. Fraiha, 2001.
- CULLEN, G. *Paisagem Urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. (orgs). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- DOURADO, G. (org.). *Visões da Paisagem: um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil*. São Paulo: ABAP, 1997.
- IBAM / CPU. *Manual para Elaboração de projetos de mobiliário urbano na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBAM/ CPU, PCRJ/SMU, 1996.
- JELLICOE, G. & JELLICOE, S. *El paisaje del hombre*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1995.
- LAURIE, M. *Introducción a la Arquitectura del Paisaje*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.
- LEITE, M. A paisagem, a natureza e a natureza das atitudes do Homem. In: *Paisagem e Ambiente*, v.IV. São Paulo: FAU-USP, 1992.
- LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- MACEDO, S. *Quadro do Paisagismo no Brasil*. São Paulo: FAU/ USP, 2000.
- MOTTA, F. *Roberto Burle Marx e a Nova Visão da Paisagem*. São Paulo: Livraria Nobel, 1984.
- ODUM, E. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- SPIRN, A. *O Jardim de Granito*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

7- Referências Bibliográficas deste artigo

- CORNER, J. "Eidetic Operations and New Landscapes." In: CORNER, James (ed.). *Recovering Landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 1999, pp. 153-169.
- COSTA, L. (org.). *Anais do I Encontro de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura- 1994*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FUJB, 1998.
- FREITAS, A; VERAS, L. & VIEIRA FILHO, L. "Iniciação ao paisagismo- experiência de ensino" In: COSTA, L. (org.). *Anais do I Encontro de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura- 1994*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FUJB, 1998, pp. 35 a 39.
- HOLL, S. "Anchorage" In: Dénes, Michel. *Form follows Fiction- Écrits d'Architecture fin de Siécle*. Paris: Les éditions de la Viletete, 1996, pp. 308-314.
- LEFEBVRE, H. *La production de L'Espace*. Paris: Éditions Anthropos, 1986.
- MACEDO, S. "Exercícios gramaticais como instrumento de aprendizado." In: COSTA, L. (org.). *Anais do I Encontro de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura- 1994*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FUJB, 1998, pp. 73 a 76
- NAGEL, Thomas. *Visão a partir de lugar nenhum*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- SANTIAGO, A. & GOBI; P. "A experiência de Ensino de Paisagismo na UFSC" In: COSTA, L. (org.). *Anais do I Encontro de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura- 1994*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FUJB, 1998, pp. 51 a 57.
- TANGARI, V. (coord.). *ENEPEA 2000- Anais do V Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo*. meio digital. Rio de Janeiro: UFRJ/ FUJB, , 2000.
- TANGARI. V., COSTA L. *et al.* "Paisagem e contexto: uma proposta programática." In: COSTA, L. (org.). *Anais do I Encontro de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura- 1994*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FUJB, 1998, pp. 80 a 83.
- VALE, C. "As aparências da arquitetura e seus desdobramentos no ensino de projeto." In: *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v.8, n.9. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001 [1994], pp.23-47.